

A FICÇÃO COMO FÓRUM: REFLEXÕES SOBRE PERIFERIAS E SAÚDE POR JOVENS AUDIÊNCIAS DE 'MALHAÇÃO'

FICCIÓN AS FORUM: REFLECTIONS ON PERIPHERIES AND HEALTH BY YOUTH AUDIENCES OF THE SOAP OPERA 'MALHAÇÃO'

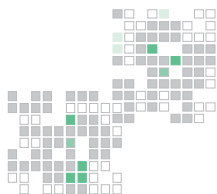
LA FICCIÓN COMO FORO: REFLEXIONES SOBRE PERIFERIAS Y SALUD POR AUDIENCIAS JÓVENES DE LA NOVELA 'MALHAÇÃO'

Douglas Maia Colarés

- Mestrando em Comunicação (PPGCOM/UFMG).
- E-mail: dougmaia@outlook.com

Marcia Rodrigues Lisboa

- Pesquisadora do Laboratório de Comunicação e Saúde da Fiocruz, mestre em Comunicação e Cultura (UFRJ) e doutora pelo PPGICS/Fiocruz.
- E-mail: marcia.lisboa@icict.fiocruz.br



RESUMO

O artigo resulta de uma pesquisa qualitativa que enfocou as reflexões de jovens residentes na Baixada Fluminense (RJ) sobre a construção ficcional daquele território feita pela novela “Malhação – Toda forma de amar”. A trama é perpassada por situações de violência, reveladoras de grandes desigualdades sociais nas metrópoles. Interessou ao estudo, sobretudo, investigar os modos de ver a abordagem ficcional sobre uma periferia em suas interconexões com a saúde e as formas como as vivências dos jovens são refletidas nesse processo. A análise referenciou-se em estudos sobre comunicação e narrativas ficcionais; juventudes; e violência e saúde.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO E SAÚDE; MALHAÇÃO; JOVENS; PERIFERIAS.

ABSTRACT

The article results of a qualitative research focused on reflections of young residents in Baixada Fluminense (Rio de Janeiro) about the fictional construction of that territory made by the soap opera “Malhação – Toda forma de amar”. The plot is permeated by situations of violence, revealing great social inequalities in big cities. The study was mainly interested in investigating the ways of viewing the fictional approach to a periphery in connection with health and the ways in which the experiences of young people are reflected. The analysis was referenced in studies on communication and fictional narratives; youths; and violence and health.

KEYWORDS: COMMUNICATION AND HEALTH; MALHAÇÃO; YOUTHS; PERIPHERIES.

RESUMEN

El artículo resulta de una investigación cualitativa que se centró en las reflexiones de jóvenes residentes en la Baixada Fluminense (Rio de Janeiro) sobre la construcción ficticia de ese territorio por la novela “Malhação - Toda forma de amar”. La trama está impregnada de situaciones de violencia, que revelan grandes desigualdades sociales. El estudio se interesó sobre todo en investigar las formas de ver el acercamiento ficcional a una periferia en sus conexiones con la salud y cómo las vivencias de los jóvenes se reflejan. El análisis fue referenciado en estudios sobre comunicación y narrativas de ficción; jóvenes; y violencia y salud.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN Y SALUD; MALHAÇÃO; JOVENS; PERIFERIAS.



1. Introdução

A telenovela foi descrita por Martín-Barbero (1997) como um palimpsesto de linguagens populares calcadas no melodrama, que nasce como literatura oral, evolui dos teatros de rua e circos para o cinema, passando pelo rádio – a partir dos radiodramas – até chegar à televisão. Com ela, ampliaram-se as possibilidades do patrocínio, já inserido no rádio, pela veiculação de imagens. Além da venda de produtos, buscava-se ditar modas e mobilizar grupos, numa relação entendida, a princípio, de forma meramente passiva.

Dessa mescla de recursos melodramáticos e abordagens sociais emergiu o termo *merchandising* social: uma publicidade de cunho informativo e pedagógico, ligada a alguma mazela ou campanha passível de ser debatida pela sociedade (Balbino, 2016).

Tencionando direcionar determinadas abordagens ao público jovem, a Rede Globo lançou a novela “Malhação”, em 1995. Sua ambientação era centrada originalmente em uma academia, mas só a partir de 1999, quando a ação foi transferida para uma escola, o produto se tornou a principal vitrine da emissora voltada a temáticas da juventude. Na década de 2000, despontou como a atração que mais abrigou ações socioeducativas. Segundo o site institucional da Rede Globo¹, de 1995 a 2006, a trama representou mais de 35% das inserções de *merchandising* social realizadas no período. “Malhação” recebeu o prêmio *Emmy* de Melhor Série de 2018, na categoria juvenil, pela temporada “Viva a Diferença”, que tratou de temas como autismo, gravidez na adolescência e descoberta da sexualidade.

Seja na perspectiva de ampliação da audiência ou de renovação dos públicos, a longeva “Malha-

ção” experimentou mudanças no perfil de seus consumidores, sobretudo ao longo da última década. Segundo dados do Ibope (2019)², 38% da audiência do programa (temporada “Vidas Brasileiras”) era composta também por pessoas com mais de 50 anos. Esse deslocamento, ainda que não direcionado, redefine o produto não apenas para jovens, mas sobre eles.

As temáticas abordadas na novela, tomada como um dispositivo comunicacional tecnicizado, seguem *pari passu* as representações sociais de jovens e as formas como são retratados em produções jornalísticas ou de entretenimento. Rocha e Pereira (2009) sugerem o exercício analítico de observar nessas narrativas os discursos especializados sobre jovens e adolescentes – que se constituem em construções de adultos a respeito deles – e cotejá-los aos discursos nativos, dos próprios jovens e adolescentes. Consideramos que confrontar esses discursos é um ponto de partida.

A pesquisa que origina esta análise busca trazer reflexões de jovens telespectadores de “Malhação” – temporada “Toda forma de amar” (2019-2020), com foco em abordagens ficcionais sobre saúde, desigualdade social, juventude e periferia confrontadas com as vivências desses jovens, cujo perfil se assemelha aos das personagens. Pela primeira vez o arco narrativo de “Malhação” se concentrou na Baixada Fluminense, na região metropolitana do Rio de Janeiro. A cidade de Duque de Caxias foi o cenário para contar a história de amores que se cruzam: amores românticos, entre famílias, amigos e ideais. Esses elementos serviram de combustível para abordar temáticas sociais.

Ao voltar as atenções para jovens residentes

¹ Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/TVGlobo/Comunicacao/Institucional/SiteFolder/tvg/g_rs_merchandising_social/0,0,00.html>. Acesso em 13 Set 2020.

² Números publicados pelo site Na Telinha. Disponível em: <<https://m.natelinha.uol.com.br/novelas/2019/01/26/na-tv-pessoas-acima-de-50-anos-veem-mais-malhacao-que-os-jovens-124070.php>>. Acesso em 13 Set 2020.

em uma região periférica à segunda maior cidade brasileira, “Malhação” seguiu na contramão da recorrente representação de jovens brancos, de classe média e habitantes de capitais, preponderante nas telenovelas nacionais. Contudo, a temporada propôs uma Baixada Fluminense ora alegórica, ora fortalecedora de um estereótipo de marginalidade, destacando as temáticas da violência e das desigualdades.

O ponto de partida da trama é a interceptação de uma van de passageiros (transporte usual na região), da qual o personagem negro Zé Carlos é retirado à força – sendo encontrado morto algum tempo depois. Ao testemunharem o sequestro do rapaz, os protagonistas, que também eram passageiros da van, estabelecem relações.

A violência é um importante elemento narrativo de “Toda forma de amar”. A emergência desta temática vinculada às juventudes negras e periféricas tem sido destacada em diversos estudos, sobretudo nas duas últimas décadas e também em fóruns nacionais, como a 1ª Conferência Nacional de Juventudes, realizada em 2008, na qual a condição de jovens negros e negras ocupou o topo da lista de temas prioritários.

Para a análise que buscamos fazer neste artigo, tomamos a violência como um problema de saúde pública, que ultrapassa os impactos aos sistemas de atendimento. Ela é estrutural, reflexo de grandes desigualdades sociais. A violência é aqui entendida como uma série de competências que envolvem: a saúde mental; o maior número de estatísticas de doença e morte em locais periféricos e áreas de conflito; e a falta ou superlotação de equipamentos de saúde em áreas tidas como violentas. (OMS, 2002).

A saúde, portanto, não se reduz à ausência de doenças, visão inscrita em um modelo biomédico binário de cuidado. Ela está inexoravelmente vinculada às condições de existência. Tampouco pode ser circunscrita a um único campo do conhecimento, dada a sua natureza polissêmica.

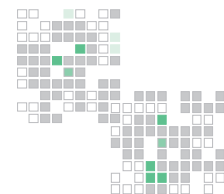
Subscrevemos a necessidade de uma abordagem transdisciplinar, que considere as redes semânticas, como sugerem Almeida Filho e Jucá (2002).

Interessa a este estudo investigar como jovens residentes no território em que se situa a obra ficcional constroem sentidos sobre as narrativas ficcionais nessa temporada, em especial acerca das abordagens que conectam saúde, periferia e violências; e as formas como suas vivências, de jovens periféricos, são refletidas nesse processo. Para tanto, adotamos uma abordagem qualitativa, com base em entrevistas com cinco jovens, todos residentes de municípios baixadenses e telespectadores de “Malhação”. A análise buscou diálogos com os estudos sobre: comunicação e narrativas ficcionais; juventudes; e violência e saúde.

2. *Merchandising social e mediações*

Kotler (1993) cunhou o termo *marketing social* em 1971, para compreender a busca por uma melhora do bem-estar do consumidor e da sociedade. Transpassado para o campo da dramaturgia, uma criação artística que almeja tal objetivo prima pela junção do entretenimento aliado à informação, difusão de conhecimento, valores e reflexões. “Essas ações com caráter promocional visam promover, seja pelas empresas públicas ou pelas privadas, um *marketing* – neste caso o social – tendo por objetivo construir uma ‘imagem’ de instituição socialmente responsável” (DESIDÉRIO, 2013, p.380).

Dessa forma, o autor de telenovela costura as abordagens à trama: a pauta serve tanto de alerta como recurso dramático. Assim, a doença pode representar a ruptura ou a aproximação de uma família; a descoberta da sexualidade resulta em um “amor cheio de obstáculos”; a discussão de gênero é pautada pela busca de uma mãe solo por um filho; a violência serve de elo que aproxima um grupo de jovens – exemplo visto em “Malhação - Toda forma de amar”. O *merchandising social* bem sucedido deve responder os anseios da



população e contar com a aceitação da telenovela pela audiência (Schiavo, 2002).

Além de demarcar o papel social dos veículos de comunicação, essas escolhas estão pautadas em decisões artísticas e comerciais, e que resultam na junção de interesses e competências culturais. Em uma visada dos estudos culturais latino-americanos, as relações entre produtor e consumidor são interpeladas numa “trama, entrelaçamento de submissões e resistências, de impugnações e cumplicidades” (Martín-Barbero, 1997, p.278). Tais relações, mais do que dominantes, são mediadas.

Para Lopes (2003, p.18) o termo ‘repertório comum’ é o que melhor evidencia o poder das narrativas melodramáticas, sobretudo as telenovelas, onde “pessoas de classes sociais, gerações, sexo, raça e regiões diferentes se posicionam e se reconhecem umas às outras”. E assim aglutinam experiências públicas e privadas, criando fóruns de debate. Ainda que a TV possa disseminar propagandas e orientar consumos, não logrará em promover consensos, “mas, antes, produzir lutas pela interpretação desses sentidos, esse repertório compartilhado está na base das representações de uma comunidade nacional imaginada que a TV capta, expressa e atualiza” (Lopes, 2014, p.02).

Martín-Barbero (1997) defende que o melodrama se comporta como um agente de memória. Coabitando o novo e o progressista com o antigo e o arcaico, a audiência cria relações onde vê reconhecida a família, vizinhos e sua vida. No melodrama, a partir de quatro elementos básicos (o medo, a dor, o entusiasmo e o riso) é estabelecida a forma de construir tipos condutores da narrativa: o herói, a vítima, o bandido e o bobo. Esses arquétipos permitem os diálogos entre o sonho e a realidade, a história de amor e a denúncia dos problemas sociais. O reconhecimento advém dos *dramas de reconhecimento* narrados.

A afirmativa corrobora com a defesa de Lopes (2014) de que a ficção promove a memória cole-

tiva. De simples busca pelo lazer, ela aciona três recursos comunicativos: a interpretação do passado, a rememoração de outros tempos pela própria ficção e a convergência de matrizes culturais.

3. Sob o prisma da violência

O Rio de Janeiro, pensado a partir da Zona Sul, é uma vitrine consagrada do Brasil. Não é de se estranhar que a Baixada Fluminense, assim como outros locais tidos como marginais, não sejam cenários típicos das telenovelas brasileiras (Barreto, 2004). A TV Globo, como a maior produtora de ficção no país, torna-se a principal reforçadora desse panorama.

A Baixada Fluminense é compreendida como a região que concentra as seguintes cidades: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mangaratiba, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica. Ela difere de outras periferias – como subúrbios e favelas da Zona Oeste, Norte e Centro – por sua localização geográfica, que recorta as cidades da capital. Pensar em uma identidade da Baixada é pensar no atravessamento de diversas competências culturais, que compreendem:

[...] os processos de ocupação e desenvolvimento da região; o passado rural; a dependência em relação à cidade do Rio de Janeiro; o abandono pelo poder público durante longo período, que possibilitou uma administração particular do uso da violência como legítima em alguns momentos e situações; o forte sentimento de vizinhança; a dimensão do gossip; o peso das relações pessoais. Em um “discurso-para-fora”, uma identificação com a Baixada enfatizaria a dimensão de comunidade, de uma suposta origem comum, da produção e diversidade culturais; enquanto isso, no “discurso-para-dentro”, ou seja, para os pares, haveria também o sentimento de abandono, rejeição e preconceito (Barreto, 2004, p.46-47).

A violência representada por “Malhação” vai de encontro aos sentidos de ‘violência estrutural’ ou ‘violência estruturante’ (Minayo, 2006), denunciando os elevados níveis de desigualdade social e expondo as ambivalências de um Brasil marcado por um passado de escravização e colonização. Em paralelo, também evidencia a violência simbólica exercida pela televisão, conforme conceitua Bourdieu (1989). Isto se faz presente mesmo que de forma inconsciente em produções midiáticas de grande projeção, seja ao hierarquizar, dramatizar, banalizar e espetacularizar determinados acontecimentos e populações.

A violência no cotidiano das camadas mais pobres da sociedade resulta dessa invisível simbologia, o preconceito social. Sobressaem-se imagens recorrentes de jovens residentes em periferias urbanas, sobretudo negros, retratados de forma associada a ações de violência praticadas, e com menor incidência àquelas sofridas por eles.

4. Métodos e técnicas

Este estudo adotou a técnica de entrevistas qualitativas (Poupart, 2010) com cinco jovens telespectadores da referida “Malhação”, de 18 a 27 anos, moradores da Baixada Fluminense – sendo quatro de Duque de Caxias (um dos quais reside concomitante em Seropédica) e um de Belford Roxo. Três participantes são do sexo masculino, e duas do sexo feminino. Três se declararam pardos/preto e dois, brancos.

A entrevista qualitativa permite o direcionamento para o público representativo (embora não quantitativamente) de um determinado grupo social e/ou populacional. A escolha desse método reflete a importância da contribuição de perspectivas desses atores sociais para melhor compreensão de condutas e práticas. Além de ser, através dela, possível entender realidades sociais díspares por meio do acesso à experiência desses sujeitos (Poupart, 2010, p.216).

Uma das possíveis contribuições da abordagem

ao estudo proposto é compreender as mediações e fronteiras postas entre ficção e a realidade, o social e o comercial, o produtor e o consumidor. E ainda questionar como os estímulos propostos por “Malhação” podem ou não edificar narrativas sobre saúde e promoção à vida de populações periféricas.

O foco das entrevistas foi a percepção desses jovens sobre os temas tratados em “Malhação”, a abordagem e a correlação com o cotidiano de jovens que vivem em uma periferia. Dentre os aspectos relevantes à pesquisa, estava a construção da imagem de jovens na obra e questões específicas sobre a abordagem de saúde (com foco na violência) na temporada.

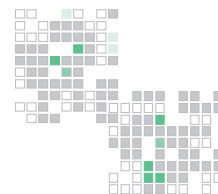
As entrevistas foram realizadas entre 4 de abril e 21 de junho de 2020, de forma remota, devido às recomendações de distanciamento social impostas pela pandemia da Covid-19. O estudo integra projeto aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa³. Para preservar o anonimato dos participantes, as iniciais usadas são fictícias.

5. Reflexões e resultados

A temática dramaturgica de “Malhação – Toda forma de amar” transita entre a violência – a partir do sequestro na van, que liga Jaqueline, Anjinha, Thiago, Rita, Raissa e Guga – e papéis sociais associados à juventude: há a representação da mãe solo na adolescência; a menina que sonha ser jogadora de futebol, a despeito do machismo que sofre; o rapaz no processo de se entender LGBTQIA+; a moça preta em busca de reconhecimento do pai; o rapaz tímido buscando seu lugar; a jovem que almeja ser artista.

As entrevistas apontaram “Malhação” como um produto consolidado e longínquo para esses jovens. Todos tinham assistido a mais de uma das temporadas anteriores. Foram citadas desde

³ Trata-se do projeto “Jovens Investigadores em Juventude e Saúde”, coordenado pela Agenda Jovem Fiocruz.



as fases mais antigas – entre 2003 e 2005 – como as mais recentes.

Especificamente sobre “Toda forma de amar”, foi unânime o apontamento da violência como um dos temas tratados na temporada, seja a forma da violência física, ocorrida a partir do sequestro que norteia a trama, ou a violência implícita, registrada na lembrança de três entrevistados sobre a abordagem de milícias (que na história realizam cobrança de taxas dos estabelecimentos). Retoma-se aqui o tema da violência simbólica vivenciada pelas personagens da Baixada, submetidas a uma constante associação à criminalidade, fomentada por preconceitos e pela desigualdade.

Os problemas culturais estruturantes e seculares e as imensas desigualdades da sociedade brasileira, que desde os anos 60 se acumularam não foram superadas, ao contrário, cresceram, dando forma a novas questões trazidas pela pós-industrialização e pela globalização (Minayo, 2006, p. 30).

A forma como a novela abordou a violência foi questionada por C.L., para quem o episódio do sequestro foi um artifício que não agregou à narrativa:

Achei o sequestro totalmente jogado mesmo. Com o desenrolar da história, o crime, que eu pensava ser parte importante da trama, acabou sendo esquecido em detrimento de outras narrativas... se tornou algo descartável. Até foi abordado posteriormente, mas de uma forma do tipo “pronto, resolvemos” (C.L., 22 anos, Caxias).

O jovem ressalta a superficialidade com que a trama foi conduzida, e critica as atitudes tomadas pelos participantes da ação: para ele, não é lógico um grupo de adolescentes, ao testemunhar um

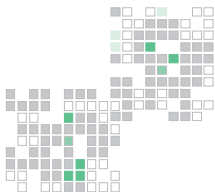
crime, optar por um grupo de *Whatsapp* para manter contato e investigar o crime. Já M.V. desaprova a escolha de situar o sequestro justamente no núcleo de Duque de Caxias, por entender que o território já era demasiado associado à violência – e que ajuda a perpetuar um estereótipo.

Outros lugares do estado igualmente ou até mais perigosos não são retratados dessa maneira, quando se localizam em regiões mais “nobres”. Acho que a Barra, Copacabana, tem índices de criminalidade em algumas regiões bem altos, mas geralmente representam o pessoal correndo na praia, levando uma vida boa, felizes ao sol (M.V, 21 anos, Caxias e Seropédica).

A fala de M.V ressalta a ideia que existe um Rio de Janeiro imaginado, onde as periferias são vistas como territórios que devem ser evitados, enquanto outras localidades são vendidas como cartões-postais. S.E. compartilha da ideia de que há uma tendência a colocar o que vem de Caxias como algo negativo. Todavia, ressalta que entende a necessidade de apontar esse histórico de violência, algo ainda não superado pela região.

Bem, a criação de milícias e grupos violentos da cidade foi em um passado recente que infelizmente perdura ainda em Caxias. Acho necessário mostrar uma realidade presente entre nós, moradores de Caxias, porém temos que falar também que a cidade não se resume a isso é que também nem seja a mais violenta do Estado (S.E, 27 anos, Caxias).

S.E mantém uma página no *Facebook* sobre Duque de Caxias, onde reverbera assuntos sobre a cidade, além de criar virais (memes) associando as imagens da trama com a realidade dos moradores. Ele lança mão das imagens em um processo de ressignificação, acrescentando textos e



legendas que confrontam a Caxias que a televisão mostra e a vivida por ele. Como exemplo, publica uma foto da van onde ocorre o sequestro com o texto “pode vim que dá; senhora já vai descer” – fala atribuída a cobradores de vans.

A intervenção muda o sentido original atribuído na ficção e aproxima a página da vivência do público morador. A violência se transforma em ironia sobre a lotação do transporte público. Esse empréstimo ressalta a ideia de mediação já percorrida. S.E., ao não enxergar equivalência ao momento retratado na novela, ou tão somente para expandir os sentidos da imagem, opera em uma mudança de sentido, intervindo no que ele considera mais fidedigno a esse território.

Ainda que S.E. indique em suas respostas a necessidade de denunciar na dramaturgia a violência e o descaso com a região, o jovem optou por não criar nada associado à violência na página. “Entendemos não ser interessante fazer memes com imagens associadas à violência mesmo que seja apenas ficção. Acredito que temos material para criar partindo de outro ponto de vista”.

A afirmativa evidencia, como defende Martín-Barbero (1997), a série de conflitos e contradições que reside na relação entre consumidor e produtor. O jovem vê como função dos *mass media* o lugar de denúncia; mas, no que concerne à sua função enquanto produtor de conteúdo, ele opta por não exercer o mesmo lócus.

Novas camadas entre esses limites da ficção e realidade se apresentam em outra situação: S.L., questionada quanto a abordagem da violência na trama, esboça receio de comentar sobre a atuação das milícias – ainda que estivéssemos falando de um produto ficcional e que sua identidade como participante do estudo não seria revelada. A demonstração de medo atesta que ao trazer temáticas sociais às telenovelas, não só as linhas que separam o campo ficcional do campo da realidade se tornam tênues, como esses mecanismos de denúncias são captados pelo público que, exposta

a gravidade da temática, questiona, se revolta e, naturalmente, sente medo. Este indicativo é reforçado por outra fala de S.L.

a cena mostra uma situação que não é improvável de se acontecer em Caxias. A trama mostra os lados ruins da cidade mas que não fogem da realidade [...] (S.L., 18 anos).

Questionados sobre a representação da cidade de Caxias na temporada, os cinco entrevistados elencaram pontos de identificação inseridos na trama. Quanto a elementos físicos, foram lembrados: a estação de trem, linhas de ônibus, casas medianas e pobres em vizinhança, teatro da cidade, a rodoviária, a Praça do Pacificador – importante centro comercial de Caxias. No campo do cultural, comentou-se sobre a fala (expressões, gírias e jeito de conversar) e o rap, que S.L. afirma ser bastante forte na região. Por sua vez, C.L. ressalta que por vezes esquecia que a ação se passava em Caxias – algo que indica pouca inserção da cultura local, ou até mesmo a naturalização daquelas situações apresentadas no produto ficcional.

Embora de uma maneira tímida, essas passagens e transições de cenas, ainda sim, permitiram a suscitação da memória coletiva, como preconizada por Lopes (2014). A capacidade de a televisão conectar dimensões e fomentar identidades a partir dessa memória pode ser percebida pelo uso do rap – como citado em uma das entrevistas – para ambientar aquele espaço. O rap aqui entrecruza o melodrama a outras matrizes culturais (assim como em *Pai Herói* e *Senhora do Destino*, a partir do samba e do jogo do bicho). Ademais, essa memória coletiva preconizada por Lopes, aqui é fomentada pelas identidades a partir do (auto) reconhecimento com as histórias e personagens, as ambientações e elementos populares inseridos na obra.

P. M., em uma das falas, lembra a existência de



uma passarela que seu irmão usa para ir à escola. Corrobora com a ideia de Martín-Barbero (1997) que os atores sociais veem no melodrama uma correspondência com a família, vizinhos, criando conexões e equivalências. O relato de M.V. exemplifica: “quando tem alguma coisa ambientada aqui, as pessoas comemoram. Falando que toda novela boa se passa em Caxias, etc. Quem é bairrista sempre comemora!”. S.E acompanha esse pensamento, ao manifestar ter tido interesse de acompanhar a temporada quando soube da ambientação em sua cidade.

No campo da atenção em saúde, algumas abordagens foram destacadas: a precarização dos hospitais públicos da região; o hospital da trama servindo de cenário para a discussão de gravidez na adolescência e aborto – situações citadas por S.L. e P.M. Já M.V. também traz uma fala sobre saúde pública, de igual maneira estendendo para a sexualidade e gênero.

Ultimamente as pessoas tão discutindo mais as relações homoafetivas, gênero, sexualidade, inclusive questões de saúde pública que a novela retrata, sempre falaram muito sobre camisinha (contra a gravidez, mas também prevenindo com a pandemia da AIDS) e já abordaram assuntos como câncer de mama e outras doenças. A novela acaba acompanhando o que está em discussão (M.V., 21 anos, Caxias e Seropédica, grifo nosso).

Ele ressalta ainda que as personagens LGBTQIA+ inseridas na história fugiram do estereótipo por vezes reforçado nas produções televisivas. Essa declaração se faz importante, pois contrapõe a noção de representação (ter personagens de determinado grupo) versus representatividade (propor uma condução que fuja de conceitos pré-moldados desse grupo).

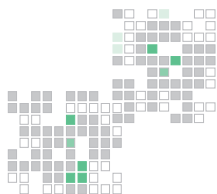
M.V. também advoga na defesa de haver um maior processo de pesquisa sobre esses espaços.

problemas reais foram até explorados como transportes e violência, mas dava pra explorar melhor a realidade das famílias com histórias que refletissem com maior fidelidade os moradores da baixada, talvez usando pessoas comuns como consultoras, muitas vezes parecia senso comum o que era retratado. Ou por exemplo: um lugar conhecido de Paris é a torre Eiffel, vamos fazer uma cena lá. Quem é morador da cidade sabe bem que vai além do “ponto turístico”. A Duque de Caxias mostrada era diferente da real, focaram bastante na praça do pacificador, o calçadão, a Duque de Caxias que o povo de fora enxerga (M.V., 21, Caxias e Seropédica).

Ele aponta a falta de percepção da cidade para além da casca, tanto a respeito das qualidades, como das deficiências. Retornando ao tema da violência, dá um exemplo de como poderiam aliar um ponto conhecido da cidade à abordagem social, visando obter uma mudança de atitude do Estado.

O viaduto da 25 é um lugar onde as pessoas são constantemente assaltadas, e praticamente todo mundo tem que passar! Se retratassem isso na novela, talvez motivasse alguma ação pra impedir isso (eu quase já fui assaltado lá) (M.V., 21, Caxias e Seropédica).

Já S.E tem uma visão mais conciliadora. Admite que a produção dividiu-se entre uma abordagem de denúncia e outra mais estereotipada, mas aponta que a Baixada Fluminense da trama conseguiu mostrar a luta dessa população. Para tal, exemplifica com um personagem que logrou deixar de ser locutor de calçadão para trabalhar com o que desejava: ser motoboy. Assim, pela luta dos personagens por seus sonhos, ou pela ascensão pelo trabalho como condição da mudança, o sentimento de identificação se alinha com re-



curiosos melodramáticos lançados pelo roteirista. P.M. ressalta a necessidade de um maior número de referências da cidade, mas acredita que ela foi bem retratada no folhetim. S.L., igualmente, considerou fidedigna a Caxias proposta pela TV.

Pensando em “Malhação” como um produto para jovens, a maioria concorda que o programa é um importante instrumento de veiculação de narrativas para jovens. C.L. enxerga a atração como palco de demonstração do cotidiano jovem, do positivo ao negativo. Já P.M. pondera que

“Malhação” é a única que tenta envolver os jovens, seja com a própria história ou a maneira de se comunicar, além de implementar uma linguagem mais parecida com a dos jovens, o que é bom pra fazer uma conexão melhor com o público (P.M, 21, Caxias).

Já S.E, destoando, acha a abordagem para os jovens forçada: “Eu acho que não é algo feito para todos, pra todos os tipos de adolescentes. Eles tentaram atingir um público que, de repente, não estava encaixado, ou nunca esteve encaixado”, diz, referindo-se a mudança de espaço e corpos que essa temporada buscou. Ainda que considere o intuito “forçado” e excludente, não observa isso como um critério ao escolher um produto de ficção para acompanhar ou indicar, hipoteticamente, a um filho.

Ao contrário da violência, citada por todos os entrevistados, nenhum deles mencionou espontaneamente ou assinalou (na única questão fechada do roteiro de entrevistas) a discussão sobre lazer na temporada. O lazer também está atrelado à saúde e é afetado pela violência.

Da mesma forma, houve a ausência da problematização da negritude (da locação e dos personagens) por parte dos entrevistados. Apenas P.M mencionou o tema, citando a violência sofrida por jovens negros pela polícia na novela. Nenhuma outra fala trata o assunto, ainda que três deles

se declarem como pardos ou pretos – e também que Duque de Caxias seja um dos seis municípios com maior população negra (pardos e pretos) do estado do Rio de Janeiro (Santos, 2015).

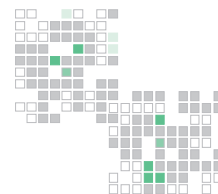
6. Considerações finais

É sabido que embora determinada obra tenha ambientação em um local existente, poucas gravações são feitas em locações reais. Dessa maneira, a Baixada Fluminense imaginada por “Malhação” é (re)construída nos estúdios da TV Globo, num trabalho coletivo de autores, diretores, técnicos e atores que, em sua maioria, não residem na localidade. Neste estudo, mais do que apontar a relevância das contribuições dos jovens como consumidores e como viventes do território representado, observou-se que elas corroboram a noção de que o público faz seus julgamentos e aproximações e, assim, transformam o que consomem a partir de sua própria experiência.

Buscamos perceber as imbricações de narrativas ficcionais veiculadas em um produto de ampla circulação e as reflexões de jovens cujo perfil se aproxima daqueles retratados sobre os temas e as formas de abordagem. No conjunto de dados colhidos na pesquisa, chamou atenção a predominância dos discursos sobre violência. A escolha da ambientação da novela em Caxias acompanha um caminho recorrente que cola a periferia à falta de políticas públicas de segurança, ora agindo como denúncia, ora reforçando o olhar de precarização.

Nosso desafio, como pesquisa inserida no campo da Comunicação e saúde, foi o de pensar comunicacionalmente as temáticas sociais emergentes entrelaçadas às questões da saúde (Araújo e Cardoso, 2007) e ancoradas nos princípios de universalidade e equidade.

De forma geral, os participantes da pesquisa avaliaram positivamente a novela, com destaque à linguagem e temáticas abordadas. Os entrevistados destacam a pertinência do tratamento de



assuntos como sexualidade e suas implicações, como infecções sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, e o aborto. “Malhação” apresenta a sua força como agente de campanhas pedagógicas, o que ressalta não só a quantidade como a qualidade desse diálogo perante a mediação com o público, que deve ser problematizada.

Quando analisada em outros campos, e de forma mais recortada, no caso da Baixada Fluminense, críticas mais severas são observadas. C.L. e M.V. foram os principais opositores dessa ambientação proposta. Ambos não só expõem falhas, como sugerem mudanças e outros caminhos, elevando a experiência tida. P.M e S.L tecem impressões mais favoráveis, ressaltando elementos de identidade e pertencimento. Já S.E. elenca pontos contraditórios, que diferentemen-

te dos demais, observou com mais positividade a Caxias imaginada de “Toda forma de amar” do que propriamente o produto “Malhação” para jovens. Também chama a atenção o conflito entre o que pensa ser o papel de uma grande mídia – de denunciar, apontar – e o seu, como também produtor de conteúdo, que privilegia outra dinâmica em sua página.

Por fim, ainda que não nomeado, o *merchandising* social perpassou por diversas respostas. Os entrevistados destacaram a ênfase em temáticas educativas que, ao mesmo tempo, também se articulam aos recursos inerentes ao melodrama. Essa mistura do comercial com o social assume a ideia de repertório compartilhado (Lopes, 2003) e nos instiga a acionar fóruns de discussão.

Referências

ALMEIDA FILHO, Naomar de; JUCÁ, Vlândia. Saúde como ausência de doença: crítica à teoria funcionalista de Christopher Boorse. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.7, n.4, p. 879-889, 2002.

ARAÚJO, Inesita; CARDOSO, Janine. *Comunicação e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

BALBINO, Jéfferson. Telenovela e Sociedade: a questão do merchandising social na teledramaturgia brasileira. In: *Anais do XXIII Encontro Estadual de História*. Assis, 2016.

BARRETO, Alessandra Siqueira. Um olhar sobre a Baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores. *Campos*, UFU. v. 5, n. 2, p. 45-64, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

DESIDÉRIO, Plábio M. M. Merchandising social: A dinâmica do termo e sua apropriação pela teledramaturgia. *Revista interamericana de comunicação midiática*: v. 12, nº 24, 2013, p 377-396.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. *Memória e Identidade na Telenovela Brasileira*. Compós. Belém. 2014.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 1, n.26, 2003, p. 17-34.

MALHAÇÃO. Autoria: Emanuel Jacobina. Direção: Adriano Melo. Rio de Janeiro, Rede Globo, 2019-2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MINAYO, Maria Cecília. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz. 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Relatório mundial sobre violência e saúde* [Internet]. Genebra: OMS; 2002. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>. Acesso em 1 Mai 2020.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. *Juventude e consumo: Um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POU- PART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

SANTOS, Eleonora Porto. *Juventude negra e violência em Duque de Caxias*. Seminário Dia da Baixada Fluminense: Políticas Públicas na Baixada Fluminense: Educação, Trabalho e Território, Rio de Janeiro, 2015.

SCHIAVO, Márcio Ruiz. *Merchandising social: as telenovelas e a construção da cidadania*. XV Congresso Anual em Ciência da Comunicação. Salvador/BA, setembro.2002.

